

## Dramaturgia da Gripe Espanhola em Campos dos Goytacazes (1918-1919)

Spanish Flu Dramaturgy in Campos dos Goytacazes (1918-1919)

**Cassiane Souza dos Santos**

Graduada em História  
Universidade Federal de Viçosa  
cassianeperfil@gmail.com

**Recebido em:** 13/09/2020

**Aprovado em:** 22/11/2020

**Resumo:** Este texto versa sobre fragmentos da Gripe Espanhola em Campos dos Goytacazes-RJ, que irrompeu no Norte Fluminense entre a segunda metade de 1918 e o primeiro semestre de 1919. Interessa-nos, de pronto, discutir sobre as seguintes questões: em que situação econômica, social e sanitária a cidade de Campos se encontrava na Primeira República? Como a pandemia chegou naquela localidade? Como o Estado, os cientistas e as pessoas comuns mobilizaram-se mediante a “crise pandêmica”? E, ainda, como os campistas reagiram ao fim da pandemia? A partir do arquétipo de análise sugerido por Charles Ernest Rosenberg em 1992, compreendemos os quatro atos dramaturgícos que balizaram esta manifestação epidêmica, a saber: Revelação progressiva; Gerenciamento; Negociação pública e Retrospecção. Para tanto, utilizamos como fontes primárias mídias impressas, registros de óbito, atas da câmara municipal campistas, além de memórias e teses de medicina produzidas na região. A força deste estudo opera na História Social das epidemias.

**Palavras-chave:** Campos dos Goytacazes; Dramaturgia; Gripe Espanhola.

**Abstract:** This text analyzes fragments of the Spanish Flu in Campos dos Goytacazes-RJ, which increased in Norte Fluminense between the second half of 1918 and the first half of 1919. The main interests are on the following topics: how was the economic, social and health situation in the city of Campos found in the First Republic? How did the pandemic start in the locality? How did the state, scientists and ordinary people mobilize themselves through the “pandemic crisis”? And how did people react to the end of the pandemic? Thus, based on the archetype of analysis suggested by Charles Ernest Rosenberg in 1992, this epidemic manifestation is understood through four dramaturgical acts, namely: Progressive revelation; Managing randomness; Negotiating public response and Retrospection. For this purpose, printed media, death records and minutes from Campos, as well as medical memories and theses produced in the region council are used as primary sources. This study operates in the Social History of epidemics diseases.

**Keywords:** Campos dos Goytacazes; Drama; Spanish Flu.

## Introdução

A Gripe Espanhola de 1918 a 1920 foi um dos surtos de caráter infectocontagioso mais devastadores dentre os quais se tem registro, com o número estimado entre 20 e 100 milhões de mortes<sup>1</sup> em todo o mundo (KOLATA, 2002, p.17). A natureza mortal do vírus que causou esta pandemia, bem como o seu feitiço epidemiológico e fisiopatológico, singulariza-a em relação a episódios gripais antecessores e sucessores (CROSBY, 1989). Apesar de ser designada como “espanhola”, não se sabe ao certo a origem geográfica da Influenza de 1918. Sem embargo, com a divulgação do livro *Epidemic and Peace - 1918*, publicado em 1976 por Alfred Crosby (KOLATA, 2002, p.17), historiadores advindos dos quatro continentes<sup>2</sup> têm concentrado seus esforços no debate sobre esta e outras questões pertinentes à Gripe, que extrapolam a esfera biológica ao serem *enquadradas* nos âmbitos social, cultural, político e econômico (ROSENBERG; GOLDEN, 1997).

No Brasil dos últimos anos, a historiografia das manifestações epidêmicas, no interior da História das Ciências<sup>3</sup>, vem conferindo destaque ao episódio da Gripe Espanhola nas cinco regiões do país. Desde a dissertação de Claudio Bertolli Filho, defendida na *Universidade de São Paulo* em 1986, pesquisadores têm se debruçado sobre esta pandemia almejando, sempre que possível, ressaltar o seu viés social, que no caso do país implica no entendimento de que a Influenza de 1918 afetou mais aos pobres que aos ricos, em função das disparidades nos meios de sobrevivência da população à época. Com a irrupção da SARS nos anos de 2002 e 2003, da “Gripe Aviária” entre 2003 e 2005 e da “Gripe Suína” em 2009, observa-se uma crescente disposição analítica sobre as Gripes ao longo da história<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Segundo Alfred Crosby (1989), a pandemia de gripe de 1918 circundou o mundo em três grandes ondas: a primeira, considerada mais branda, tendo sido detectada pela primeira vez em março de 1918 no Kansas. A segunda, em agosto, matando milhões por várias partes do mundo. E a terceira, mais moderada que a segunda e mais letal do que a primeira, aconteceu no início do ano de 1919 estendendo-se até o final do ano de 1920.

<sup>2</sup> “Com a possível exceção da Antártica” (SPINNEY, 2017, p. 7). Para um delineamento da Gripe em vários países, recomenda-se: SPINNEY, Laura. **Pale Rider: The Spanish Flu of 1918 and How It Changed the World**. Nova York: Public Affairs, 2017, e, VAN HARTESVELDT, Fred. **The 1918-1919 pandemic of influenza: the urban impact in the western world**. Nova York: The Edwin Mellen, 1993.

<sup>3</sup> Christiane Maria Cruz de Souza ressaltou que temas pertencentes a historiografia das ciências “como medicina, saúde e doença permaneceram, por longo período, restritos aos domínios dos médicos; estes, por sua vez, interessados em historicizar o passado de sua profissão” (2009, p. 19). Nesse aspecto, a tendência da feitura de narrativas sobre a História da Medicina, e particularmente da saúde e da doença, é relativamente recente e se expandiu a partir da década de 1970 – sob a inspiração teórica de Michel Foucault (2009, pp.19-21).

<sup>4</sup> Para um delineamento preciso sobre as epidemias de Gripe no Brasil, ao longo da História, recomenda-se: NETO, João Toniolo. **A História da Gripe: a Influenza Em Todos os Tempos e Agora**. Dezembro XII Editora. 2001.

Mais recentemente, o centenário da “Gripe Espanhola” em 2018 e a emergência do “Coronavírus” em 2020<sup>5</sup> fizeram reviver, com vigor, o interesse por esta doença no cenário acadêmico nacional.

Sobre as produções brasileiras no campo socioeconômico, em 1986 e 1995, Bertolli Filho e Olinto propuseram-se a traçar a “Geografia da Gripe” (BERTOLLI FILHO, 2003, p.89) e o perfil patológico dos “heterogêneos” (LOVE *apud* BERTOLLI FILHO, 2003) espaços das capitais de São Paulo e do Rio Grande do Sul, respectivamente. Ao contraporem-se à “ilusão democrática” (BERTOLLI FILHO, 2003) de que a doença se atrelava a “sorte ou ao azar” (BERTOLLI FILHO, 2003, p.89) das classes, os autores defenderam que os “excluídos da modernização” (OLINTO, 1995), que padeciam em ínfimas “condições materiais” (BERTOLLI FILHO, 2003, p.90), foram mais vitimados pela Gripe, tendo como critério a “resistência orgânica” (OLINTO, 1996, p.14).

Pesquisas posteriores mencionaram que trabalhadores pobres se tornaram “alvo fácil da doença” (SOUZA, 2009, p.188) em Porto Alegre (ABRÃO, 1995), em Salvador (SOUZA, 2009), em Goiás (DAMASCENA NETO, 2011), em Pelotas-RS (FERREIRA, 2001) e no interior de São Paulo (BASSANEZI, 2012; DALL'AVA, 2015), devido a sua fragilidade econômica e “exposição maior ao contágio” (ABRÃO, 1996, p.129). Como em 1918 “os direitos sociais” não eram assegurados pela legislação, aos empregados restou a continuidade de suas atividades profissionais, posto que era delas que advinha o sustento (FERREIRA, 2001, p. 43). Assim, mesmo diante do perigo do contágio, muitos se submeteram às “fábricas, oficinas, escolas, quartéis e estabelecimentos comerciais” (SOUZA, 2009, p.188), e, outrossim, em locais interioranos, labutadores iam “à cidade para compras, solução de pendências, venda da produção, trazendo na volta a Gripe” (BASSANEZI, 2012, p.11).

Do ponto de vista sociodemográfico, Adamo (1993, pp.185-200) destacou que, no Rio de Janeiro, os afro-brasileiros foram mais propensos à Gripe, por apresentarem taxas mais elevadas de mortalidade relativa. Tal quociente é compreendido como sendo um efeito da desigualdade, observável através de uma apreciação sistematizada sobre as moradias insalubres, bem como sobre a situação de desemprego e de desnutrição enfrentadas por negros no pós-escravização. De forma análoga, Santos dissertou, inspirado por Sidney Chalhoub, sobre como os negros foram “apontados como propagadores da Gripe” no Rio de Janeiro (2006, p.129). Silva tal-qualmente reconheceu que os negros, vistos como causadores da “desordem” (2017, p.29), foram os mais suscetíveis em Recife.

---

<sup>5</sup> Alguns trabalhos entregues ou em fase de produção são: FARIAS (2019); PAIVA (2020) e RIBEIRO (2020).

Valendo-se de um prisma de gênero, Olinto avaliou os modos de sobrevivência das mulheres gaúchas enquanto responsáveis pela saúde do lar no íterim da “Espanhola” (1995, pp.67-81). Outro trabalho que refletiu sobre a experiência feminina na “Gripe” foi o de Gama, que explicitou o acontecimento de socorros sendo omitidos às prostitutas em Manaus (GAMA, 2013, p.147).

A dimensão sociocultural também se demonstrou fértil na historiografia brasileira da Gripe Espanhola. Em seus artigos, Teixeira (1993), Brito (1997) e Silva (2006), a título de exemplo, enfocaram nos sentimentos, representações e enfrentamentos sociais da Gripe, comparando-a com a experiência da Peste. Teixeira, ao pensar sobre o “medo” comumente suscitado nas referidas pandemias, com foco em São Paulo e no Rio de Janeiro, concordou que a Gripe foi mais “letal em organismos já debilitados por outras doenças crônicas ou carências, ou por condições de sobrevivência subumanas” (1993, p.3). Similarmente Brito, ao pensar sobre a dimensão psicossocial da Gripe, sublinhou que os pobres, além de sofrer com a carestia e a falta de comida e de remédios, penavam ainda “pelas ações sanitárias que visavam preferencialmente o centro” (1997, p.23).

Ferreira (2001), em Pelotas; Goulart (2003), no Rio de Janeiro; e Souza (2009), na Bahia, mensuraram o ângulo sociopolítico da Gripe Espanhola. Ferreira, ao estudar “a apropriação política da epidemia” (p. 63), frisou como a doença oscilou as posições de prestígio ocupadas pelos políticos pelotenses ao evidenciar a falibilidade do “traço distintivo de Pelotas em relação a outras cidades” (2001, p. 83) da República positivista riograndense. Goulart, ao propor “um diálogo entre a história política e a história da saúde” (2003, p. 9), deu enfoque ao processo de promoção e de descrédito de atores sociais e políticos cariocas durante a Gripe. Souza destacou que “a gripe espanhola chegou a Salvador em época de intensa disputa política”, sendo minimizada pelos políticos que se encontravam no poder e explorada em seus aspectos fatais pela oposição (2009, p. 97).

Outros textos, bem como os supracitados, resgataram as narrativas sociais frente à pandemia nas capitais paulista (BERTUCCI, 2004), mineira (SILVEIRA, 2007)<sup>6</sup>, catarinense (DALL’OGLIO, SCHLEMPER JUNIOR, 2011), espírito-santense (FRANCO, *et. Al.*, 2016) e paraense (MARTINS, 2016; ABREU JUNIOR, 2018). Ao confrontarem as fontes de cidades que se pretendiam modernas, estudiosos se defrontaram com a “medicina enferma” (BERTUCCI, 2004) de lugares que mantinham profundas assimetrias em seu cerne (BERTUCCI, 2004; p. 119; SILVEIRA, 2007, p.196;

---

<sup>6</sup> No caso específico de Belo Horizonte (cidade planejada), Silveira salientou que, apesar da impotência sobre a pandemia, houve uma relativa capacidade de organização e coordenação pelo governo na tomada de ações sociais. *Cf.* Silveira, 2007.

DALL’OGLIO, SCHLEMPER JUNIOR, 2011, p.108; FRANCO *et al.*, 2016, p.424; MARTINS, 2016, pp.80-82; ABREU JUNIOR, 2018, p.IX). Assim, a maior parcela das pesquisas, sobre a Gripe, identificou a sobremorbidade em estratos que apresentavam deficiências sanitárias, econômicas, trabalhistas e de cunho nutricional. Por isto, neste artigo, dar-se-á atenção especial a este quesito.

Resultante da leva de estudos elaborados entre o centenário da Gripe Espanhola (2018) e a propagação do Sars-CoV-2 (2020), este texto objetiva contribuir para o mapeamento das experiências vivenciadas durante a Influenza de 1918 nas diferentes regiões brasileiras. Isto, pois se da perspectiva nacional a Influenza de 1918 tem sido muito vislumbrada, da perspectiva local as epidemias pouco foram analisadas. A escolha pela cidade de Campos dos Goytacazes-RJ (norte fluminense) como recorte geográfico, deve-se ao seu papel desempenhado como “capital do açúcar” e como parceira da Comissão Rockefeller. Acredita-se, então, deste modo, que a apreciação metódica sobre a Gripe no interior do Rio de Janeiro auxilia a melhor compreender aspectos regionais e mesmo os planos de profilaxias rurais vigentes, tanto no período pandêmico como na Primeira República (1889-1930).

Para o alcance do objetivo, emprega-se o arquétipo de análise sugerido por Charles Rosenberg no clássico *Explaining epidemics and other studies in the history of medicine* (1992, pp.278-287). Segundo esta referência, basilar para a historiografia da medicina, os eventos epidêmicos se desenvolvem em uma espécie de peça de teatro, como numa alegoria. Circunscrito no conceito de “dramaturgia”, este modelo expressa que toda epidemia se enquadra em um tipo de “roteiro” dividido em quatro atos, sendo estes: Negação e Confissão Progressiva (censura da doença e busca pelos responsáveis); Gerenciamento (produção de explicações); Resposta Pública (solidariedade) e Retrospecção (fim da quadra epidêmica). A metodologia adotada consiste no cruzamento de fontes procedentes de distintas naturezas, a saber: jornais, obituários, memorialísticos e textos científicos.

Nesse sentido, segue-se também os caminhos da “História social”, numa trilha iluminada pelos pressupostos teóricos de Edward Palmer Thompson. Ao sustentar que a *experiência* é uma categoria “que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (1981, p.15), Thompson preconiza a necessidade de que as observações hermenêuticas sobre os indivíduos que compõem uma sociedade, em um dado contexto histórico, sejam igualmente sensíveis, de modo a perceber as singularidades dos agentes com quem se dialoga.

Neste ensejo, se empregará categorias como a de *médicos*, a de *comerciantes*, a de *políticos*, e a de *pessoas-comuns* se reconhecendo, todavia, que tais grupos congregavam as suas próprias dissimilaridades.

As fontes selecionadas ambicionam a obtenção de um quadro mais amplo sobre as nuances relativas ao fenômeno epidêmico aqui investigado. Tal como asseverou Michel de Certeau (1982), é também por intermédio de uma documentação diversificada que as *zonas silenciadas* e ausências sutis são identificadas no procedimento de uma *operação historiográfica*. Para Jacques Le Goff, falar dos silêncios da historiografia sobre uma “pandemia esquecida” (CROSBY, 1989) não seria suficiente. Deve-se “questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história”, fazendo “o inventário dos arquivos do silêncio” a partir “dos documentos e das ausências de documentos” (LE GOFF, 1988, p.110).

No caso dos jornais e das revistas, embora o ideal fosse que se dispusesse de todos os noticiários que circulavam em Campos dos Goytacazes no ano de 1918 – e que, certamente, nutriam distintos vieses partidários e políticos - isto não foi possível. Na realidade, a triagem documental recaiu sobre os periódicos que tiveram maior tempo de duração ou que, simplesmente, se encontravam disponíveis para consulta na ocasião da recolha nos arquivos locais da cidade. Sendo assim, os editoriais aqui compulsados foram *O Monitor Campista*, a *Folha do Comércio* e *A notícia*, e, em menor escala, a *Gazeta do povo*, *O paiz* (da capital), a revista *Genesis*, e o semanário carioca *Fon-Fon*.

A escolha incidiu sobre *O Monitor Campista*, criado em 1838 pelo fidalgo baiano Bernardino José Maciel (SOUSA, 2014, p.402), porque este foi, até 2009, o terceiro jornal mais antigo em circulação do país - sendo, por isto, o mais tradicional e duradouro da localidade. Por sua vez, a *Folha do Comércio*, concebida em 1909 pelo político José Bruno de Azevedo (SOUSA, 2014, p.405), foi considerada por ter sido a criadora da “Cruz Branca”, instituição engendrada como demanda da Gripe Espanhola, e que, por isso, será exaustivamente consignada ao longo deste texto. *A notícia*, fundada em agosto de 1918 por Silvio Fontoura (SOUSA, 2014, p.405), chegou até nós através de Hervê Rodrigues (que era filho do redator), e foi pesada em função de ser o mais recente, satírico e popular periódico no ano da Influenza. Finalmente, a *Gazeta do povo*, *O paiz*, a *Genesis*, e o *Fon-Fon* nos serviram para a caracterização geral da cidade, dado que o conteúdo destes jornais e destas revistas são indicadores dos costumes locais, sobretudo os da Elite (BOURDIEU, 2007).

Esquadrinhamos também os livros de Atas da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes, dispensando especial desvelo ao de “1913 a 1919”. Pesquisamos, ainda, os livros de óbito dos distritos da paz campistas (que continham o dia da morte do indivíduo, o local do falecimento, a família, a raça do falecido e a naturalidade do mesmo, além da *causa mortis* e o médico avaliador). Por fim, recorreremos aos manuscritos (de múltiplos tipos), aos memorialísticos (Sousa, 2014; Rodrigues, 1988; Lamego, 1945), às teses de medicina (Décio Parreiras, 1917; Pereira Nunes, 1918; e Severino Lessa, 1909) e um trabalho de engenharia (Saturnino de Brito, 1902).

## Cenário

Centro da vida política e social de Campos dos Goytacazes desde o século XVII, a Praça São Salvador guiava os rumos da cidade, em sua configuração original, até a virada do século XX (LIMA *apud* FREITAS, 2006, p.55). Com efeito, ao longo da Primeira República, a parte central da cidade passou por grandes intervenções promovidas pelo Partido Republicano Fluminense. Alguns dos vestígios desta empreitada consistem em um Plano de Saneamento do Espaço Urbano (1902), na construção da Nova Praça do Mercado (1918-1921), na implantação da Comissão Rockefeller (1918) e na criação da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia - SFMC (1921). Tais mudanças são consideradas como frutos da chamada “Belle-époque campista”, que remete à fase de euforia ocasionada pela alta do açúcar no mercado naqueles tempos (LIMA *apud* FREITAS, 2006, p.55).

A cana-de-açúcar marcou profundamente a formação socioeconômica do Norte Fluminense. Muito embora outras localidades também exercessem a atividade açucareira em todo o Sudeste, Campos dos Goytacazes destacava-se como produtora de açúcar nesta região. Dessa forma, os canaviais desempenharam um papel crucial na posterior modernização campista (ALVES *apud* FREITAS, 2006, p.49). Tanto o é que, na qualidade de “Capital do açúcar” do Rio de Janeiro, a planície saltou de 88.825 habitantes em 1872, para 99.995 em 1881 (ALVARENGA, 1981, p. 85) chegando a uma população de 175.850 pessoas em 1920 (CIDE *apud* FREITAS, 2000, p.164).

Neste período, encontravam-se estabelecidas na cidade 27 usinas, 12 praças, 2 largos, 4 teatros, 6 travessas, 65 escolas, 17 igrejas, 6 cemitérios, 6 bibliotecas, 5 bancos, 3 jornais, 1 gasômetro, 6 hotéis, 1 orfanato, e 2 curtumes (SOUSA, 2014). Ademais, quatro pontes sobrepunham o Rio Paraíba do Sul e estradas de ferro guiavam o comércio local em direção às capitais fronteiriças (FREITAS, 2006, p. 44). O transporte era feito por trens e bondes elétricos da *Brush Electric Company*,

instalados em 1910 para atender a Companhia de Ferro Carril. Além disso, Campos foi o primeiro município sul-americano a possuir luz elétrica em 1883 (SOUSA, 2014, p.76) dispondo ainda, em seus bairros nobres, de redes de esgoto, água encanada e aparelho *Clayton*<sup>7</sup>(ALVARENGA, 1918).

Se na planta da cidade, quando visualizadas de cima, as áreas mais modernas lembravam um tabuleiro de xadrez, as zonas mais antigas tendiam à regularidade, com ruas estreitas e desordenadas, aproveitando as vantagens que eram concebidas sobre o terreno (FREITAS, 2006, p.45). Ainda no que diz respeito à apreciação cartográfica de Campos, o engenheiro Saturnino de Brito observou que as condições hidrográficas da cidade eram “extremamente favoráveis”, para demandas de cunho agrícola e sanitário (BRITO, 1943, pp.60-61), pois que o Rio Paraíba do Sul, engrossado pelas chuvas de monções, apresentava cheias com notável regularidade. Este fluxo ocorria no verão, uma estação conveniente na medida em que as lagoas, dissecadas e remanejadas, ofereciam terrenos férteis para a agricultura e a pecuária. Ademais disto, as chuvas torrenciais garantiam a salubridade onde a visita do “terrível Impaludismo” (Malária) parecia ser uma interminável constante (BRITO, 1943, pp.60-61).

Entretanto, enquanto algumas áreas celebravam as precipitações, outros lugarejos amargavam as inundações do rio, arriscando-se no convívio entre pântanos fétidos e brejos pútridos (LAMEGO, 1945, p.45). Nos discursos recolhidos da intelectualidade campista, o gerenciamento dos recursos hídricos pelo Estado revelava-se insuficiente e incapaz de produzir condições equitativas de acesso à água (BRITO, 1943; LAMEGO, 1985; LESSA, 1909). Isto porque o déficit de fornecimento d’água registrava um total de 3.200.000 litros, ao passo que a sua redução bacteriana permeava somente 40,17% da cota total de água (LESSA 1909, pp.91-92). Não bastasse a inoperância do Estado, quando o “santo fluido” chegava aos domicílios, os tonéis ficavam desatados e a água era reutilizada inadequadamente, vitimando os que a ingeriam de Gastroenterite e Cólera (PARREIRAS, 1918).

Além das infecções gastrointestinais, outras enfermidades assolavam a cidade, tais como a Peste, o Beribéri, a Febre Amarela, a Varíola, a Coqueluche e a doença de Chagas (BRITO, 1943, pp.60-61). Os operários, amontoados em becos e cortiços deteriorados eram, indubitavelmente, os que mais convalesciam pelas doenças transmissíveis (RODRIGUES, 1988, p.197). Com a tomada de

---

<sup>7</sup> Conforme Fernanda Rebelo, o “aparelho Clayton” foi utilizado, a partir do início do século XX, nos processos de desinfecção e fumigação para o “expurgo das matérias contaminadas” (REBELO, 2013). Ainda de acordo com a pesquisadora, “novas tecnologias da higiene como o aparelho de gás de Clayton e a barca de desinfecção passaram a permitir o desembarque de cargas e passageiros sem o ‘perigo do contágio.’” (REBELO, 2013, p. 789).



consciência sobre a transmissibilidade das doenças, que imobilizavam as classes independentemente de seus recursos (SWAAN *apud* HOCHMAN, 1998, p.6), a Elite campista passou, então, a investir na extinção das morbidades que ameaçavam o seu modelo agroexportador (cujo principal produto era a cana). Sobrevém que as ações para erradicar as epidemias nem sempre coincidiam com a melhoria da qualidade de vida dos mais pobres (HOCHMAN, 1998, pp.40-45; RISSO, 2006, p.90).

No que diz respeito às estratégias de combate a doenças infectocontagiosas na “era do saneamento” (HOCHMAN, 1998), aproveitando a divisão dos compromissos higiênicos entre o Estado e os Municípios, em 1901, o médico e presidente da Câmara de Campos, Dr. Pereira Nunes, nomeou o engenheiro Saturnino de Brito como responsável pela construção de um plano urbanístico para a cidade (GAZETA DO POVO, 1906). Em 1910, foi alargada a intervenção Federal sobre a cidade de Campos por meio da criação das “Comissões de Saneamento”. Em 1918, enquanto o *Saneamento do Brasil*, de Belisário Penna, advertia sobre a necessidade de se higienizar o interior, foi construído o primeiro posto da Comissão Rockefeller em Campos dos Goytacazes num acordo mútuo entre o Estado, os usineiros da cidade e a fundação americana (O PAIZ, 28/03/1918, p. 10).

O estabelecimento da Fundação Rockefeller, em Campos dos Goytacazes, merece atenção especial de nossa parte. Sob a direção do Dr. Décio Parreiras (O PAIZ, 08/09/1918, p.8), que viria a se tornar chefe do Serviço de Febre Amarela no estado do Rio de Janeiro (MARINHO *et. al.*, 2015, p.241; LÖWY, 2006, p. 223), a Comissão guardava como objetivo estudar e libertar a população das endemias e verminoses, fato que se relacionava a questões de ordem política e econômica - dado que, as primeiras obras de saneamento da fundação em 1918 foram feitas, justamente, nas dez usinas mais produtivas da cidade<sup>8</sup> (O BRAZIL-MEDICO, 12/03/1921, p. 138). Contando com o apoio da população, a Fundação obteve sucesso na maioria de seus empreendimentos (RODRIGUES, 1988, p.201). De acordo com Décio Parreiras, entre 1918 e 1922, a Rockefeller havia examinado 73.347 habitantes - ou 54,88% da população - em 18 subpostos (O BRAZIL-MEDICO, 01/07/1922 p.7).

Assim como Décio Parreiras, outros clínicos eminentes figuraram na Comissão Rockefeller dos Goytacazes, dentre eles, Olimpio da Silva Pinto, que foi coordenador da Campanha Nacional Contra Esquistossomose na década de 1960 (O SEMANÁRIO, 14-20/11/1963, p.8), e Pereira

---

<sup>8</sup> São João, Penha, Santa Rosa, Abbadia, Córrego de Chumbo, Jacarandá, Ponto de Bonds, Lagôa do Campello, Brejo Grande, Quindundú, Bolandeira, Travessão, Maitaca, Piedade, Baroneza, Sapucaia, Parada do Crespo e Kilometro 8 (Décio Parreiras *in* O BRAZIL-MEDICO, 01/07/1922 p.7) - e, posteriormente, nas com melhor “potencial agrícola”.

Nunes, que foi presidente da Câmara de Campos e também “membro eminente” da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia (SFMC) (O PAIZ, 23/12/1924, p.5). Reconhecida por sua atuação contra a Ancilostomíase, a entidade filantrópica também participou ativamente no combate ao Impaludismo e à Febre Amarela na cidade (RODRIGUES, 1988, pp.200-201). Durante o processo de implantação da comissão Rockefeller em Campos, o prefeito Luiz Sobral e o diretor de higiene Alberto Cruz lideravam os cargos de Saúde Pública do Município (ALVARENGA, 1918).

Além de Décio Parreiras, Pereira Nunes, Luiz Sobral e Alberto Cruz, outros médicos atuavam em Campos em 1918, a saber: Ignácio Moura, Eduardo Manhães Filho, José Pires Filho, Lontra Netto, Coelho dos Santos, Alpheu Gomes, Gomes da Cruz, Gilberto Siqueira, Alberto Cruz, José Benigno de Miranda, Raul Castro, Ribeiro de Castro, Ribeiro do Rosário, Romerval Rosa, Demerval Rosa, Aberlino Rosa, Maximino Ramalho, José Pinheiro, Benedito Gonçalves Pereira, Antônio de Mattos, Alvaro Barros, Obertal Chaves, Souza Valle, Airton Villela, Bastos Tavares, Severino Lessa, Luiz Beda, Ovídio Manhães, Domingos de Azevedo, Christiano Fraga e Edgard Alvarenga. Estes clínicos medicavam em seus consultórios particulares e nestes hospitais: dos Isolamentos dos Tuberculosos e Pestosos, Santa Casa da Misericórdia, Hospital da Ordem Terceira de São Francisco, e Sociedade Portuguesa de Beneficência (REGISTROS DE CAMPOS, 1918).

Diante desses dados, fica subentendido que a “assistência em Saúde”, na cidade de Campos, era exercida por entidades filantrópicas. Essas organizações, apesar de independentes da administração pública, recebiam amparos e benfeitorias provenientes das verbas fixadas pelo Município. Gisele Sanglard assentou, amparada nos estudos de Sidney Chalhoub e de Maria Luiza Marcílio, que a ideologia saneadora e a *questão social* do início do século XX - vista como essencial para que o Brasil fosse incluído no rol das “nações civilizadas” - viabilizou as ações higienistas do Estado e, sequencialmente, assessorou a expansão da filantropia nacional. Ainda de acordo com Sanglard, a absorção dos ideais de salubridade, pela “sociedade civil”, foram convertidas, mais tarde, “no apoio e manutenção de diversas instituições de assistência” (SANGLARD, 2015, p.136). Nas linhas que seguem, a dramaturgia da Gripe nos ajudará a perceber alguns desses aspectos.

## **Ato I: Negação e Confissão Progressiva**

Há poucos dias chegou do Rio uma senhora, a qual hospedou-se na casa do Sr. Fernando Milheiro. Ao chegar aqui foi atacada de forte dor de cabeça e febre de alto grau. Alguns moradores, temendo que se tratava de uma senhora vinda do Rio,

alarmaram-se, correndo o boato de que se trata de um caso de Influenza Espanhola. Após esta notícia houve pânico geral, não se tendo aqui um médico para verificar se de fato já temos entre nós a visita do terrível mal. Nesse caso, o povo de Villa Nova pede, por nosso intermédio, as providências que o caso exige, vindo aqui um médico da higiene e guardas para desinfetar a casa do Sr. Fernando e isolar a mesma. Pobre vila! (O MONITOR CAMPISTA, 10/10/1918, s/p.)<sup>9</sup>.

No excerto exposto acima, o correspondente do jornal *O Monitor Campista* se demonstrava temeroso com os rumores sobre a possível chegada da Gripe Espanhola em Villa Nova, distrito pertencente a região noroeste de Campos. Não seria para menos, se tomarmos a ótica do emissor, tendo em vista que desde meados de 1918, as notícias que circulavam sobre os brasileiros da Missão Médico Militar na Primeira Guerra eram severamente atroz. Em poucos dias, as mídias impressas espalhavam que centenas de brasileiros haviam falecido em ação. Nada obstante, uma semana depois do alarmante alerta jornalístico campista, mais precisamente, em 17 de outubro de 1918, o cartório do 1º distrito da Paz registraria a morte de um outro carioca, sendo a primeira ocorrida em Campos. O nome da vítima era Manoel Gonçalves, um jovem de 21 anos de idade, branco e jornalista, que fracassou na tentativa de escapar da transmissão (REGISTROS CIVÍS DE CAMPOS, 1918).

De início, assim como em outras partes do Brasil, os campistas acompanhavam as notícias sobre a difusão de uma “enfermidade misteriosa na Europa” através dos periódicos regionais. Possivelmente em função da distância geográfica entre velho e novo mundo, a princípio não houve uma preocupação significativa a respeito da propagação contínua desta doença (GOULART, 2005, p.101). As informações sobre a Gripe Espanhola só conquistaram o seu lugar nas manchetes quando os “missionários” de Dakar, que operavam na Missão Médica Militar e viajavam no paquete *La Plata*, adoeceram (GOULART, 2005, p.101). Na lista dos doentes graves, estava Mario Kroeff, que viria a se destacar, anos depois, na institucionalização da cancerologia no Brasil (LANA, 2012, pp.37-38).

No dia 14 de setembro de 1918, quando se tomou consciência da chegada da epidemia no Rio de Janeiro, os ânimos dos moradores da cidade de Campos se alvoroçaram, por localizarem-se a tão somente 278 quilômetros da capital. Pode-se acrescentar também que era contínua a circulação de produtos entre as duas partes, fator que, potencialmente, sobressaltou o pânico interiorano. A hipótese divulgada nos editoriais era a de que a Influenza havia chegado através dos tripulantes infectados no navio *Demerara* vindo de Lisboa. Como no Rio (GOULART, 2003, pp.92-100), o

---

<sup>9</sup> Doravante, com o objetivo de providenciar uma leitura mais fluída dos documentos utilizados como fonte, todas as citações grafadas à época serão transcritas segundo as normas gramaticais correntes.

descuido do então diretor geral de saúde pública, Dr. Carlos Seidl, foi reivindicado pela planície (FOLHA DO COMÉRCIO, 1918). A redação d'*A Notícia*, literalmente, amaldiçoou o nome de Seidl com os dizeres: - "Maldito seja o nome desse médico". (*apud* RODRIGUES, 1988, p. 198).

No entanto, não somente Seidl seria responsabilizado pelo descontrole da pandemia e pela falta de um plano de contingência na planície goitacá. A *Folha do Comércio*, que havia sido atingida em 1914 pela "Inspeção Sanitária do Leite" (Actas da Câmara, 1913, pp.6-10) logo tratou de ironizar a ausência de medidas profiláticas por parte da Higiene Municipal. No fragmento jornalístico destacado abaixo, a letargia e a *hausmanização*<sup>10</sup> do diretor de higiene Dr. Cruz foi assim retratada:

E se a Influenza espanhola nos visitar? - Realmente, Fagundes, se tivermos a visita da Influenza vai ser um horror, já era tempo do poder público ir aconselhando umas tantas medidas preventivas. - Pelo menos... - E principalmente aconselhar. - Sim, Fagundes, porque o povo já pode ir se prevenindo... - Naturalmente. Mesmo porque não tem como a gente fazer o povo de belga. - E ter de resistir a invasão da Influenza Espanhola. - Nesse caso. - É claro...! - Comparo a invasão da espanhola a do Hunos. - Ah padre velho, fica tudo escangalhado um pavor! - Se assim é, o papel do diretor de higiene deve ser, então, importantíssimo, pois, não? - O de preparar a resistência. E note que lhe hão de ir bem seus humanitários sentimentos. - Com isso os campistas só têm a se desvanecer. - É que quando a estiver a glorificar o seu herdeiro gritando: *Vive le Albert!* - Daqui a plenos pulmões, posso bradar... Viva o Doutor Alberto! - Cruzes! (FOLHA DO COMÉRCIO, 21/10/1918, s/p.)

Ainda na tentativa acalorada de se inibir a pandemia, uma série de cartas de críticos anônimos e residentes na cidade foi o estopim que introduziu uma campanha massiva em prol da obtenção mínima de instruções sobre como evitar o contágio pela Espanhola. Atendendo as solicitações, e, sobretudo, pressionando a necessária tomada de intervenções pelo Governo Municipal, as mídias impressas passaram, então, a publicar alguns "Conselhos ao povo" originados diretamente do serviço sanitário do Rio de Janeiro e, posteriormente, os elaborados pelos médicos da própria cidade.

Como resposta direcionada à *Folha do Comércio*, o editor do *O Monitor Campista* publicou uma nota redigida pelo prefeito Dr. Luiz Sobral avisando que o temor era excessivo em vista de que os casos de Influenza em Campos seriam "benignos" e que, portanto, não deveriam estar inspirando tamanha ênfase (O MONITOR CAMPISTA, 20/10/1918; 23/10/1918). No dia desta fala, contudo, já haviam sido atestadas pelo menos três mortes por Gripe nesta cidade (REGISTROS CIVÍIS DE

---

<sup>10</sup> O termo "Hausmanização" é compreendido como um modelo de planejamento urbano adotado pelo barão Haussmann (ex-prefeito de Paris). Tal padrão ficou conhecido como "bota-abaixo" devido às reformas de Pereira Passos no Rio de Janeiro, sendo também estendido aos ideais higiênicos da Primeira República. Ver: BENCHIMOL, 1990.

CAMPOS, 1918). Mas a partir de 21 de outubro ficou difícil ocultar a dimensão real da epidemia, pois, apenas nesse dia, foram localizadas, nos registros de óbitos, cinco mortes por Influenza na parte central do município (REGISTROS CIVÍS DE CAMPOS, 1918). E foi pelas mortes ocorridas que, com efeito, a Gripe passou a ocupar lugares substanciais nas redações diárias da localidade.

[...] É benigna, mas mata; não é perigosa, mas povoa os cemitérios, ceifando vidas preciosas, espalhando o luto e derramando a dor! Não! Nem por mais um instante a apelidemos de benigna. Que é o tigre, que é o chacal então? Seria zombar dos mortos, cujas sepulturas mal fechadas, algumas e outras ainda abertas à espera das vítimas que tombaram – ontem cheios de vida, hoje a caminho do pó – que bradariam aos céus contra semelhante irrisão! A influenza é um inimigo insidioso, traiçoeiro e tenaz que penetrou em Campos e se vai infiltrando por centenas de lares... (FOLHA DO COMMÉRCIO, 22/10/1918, p.1).

Entre meados de outubro e finais de novembro, as entradas e saídas da Santa Casa de Misericórdia começaram a ser veiculadas, e a “Cruz Branca” foi fundada pela Associação dos comerciantes de Campos (FOLHA DO COMMÉRCIO, 22/10/1918, p.1). O prefeito também contratou alguns médicos, muitos sendo pertencentes ao quadro de funcionários da Rockefeller, para atuar em distritos como Dores, Guarulhos, Barcellos e Santo Eduardo, sob chefia dos doutores Parreiras e Lontra Netto (O MONITOR CAMPISTA, 1918). As farmácias foram convocadas, pelo prefeito, para aviar receitas sob o custeamento da prefeitura aos pobres, no desígnio de suprir a sua demanda que aumentava vertiginosamente (FOLHA DO COMMÉRCIO, 24/10/1918). Até frascos de vidro ficaram “em falta” e foram solicitados (FOLHA DO COMMÉRCIO, 24/10/1918).

A companhia “Força e Luz” já não poderia cumprir com suas atividades normais, devido à falta de querosene e gasolina. Os cafés e bilhares da cidade encerraram suas atividades na noite, assim como o cinema (RODRIGUES, 1988, p.198). Procurava-se, com urgência, por fornecedores de quinino e os clínicos ficaram impedidos de atender em seus consultórios. As escolas tiveram suas aulas suspensas até a segunda ordem e de tudo se faltava, desde suprimentos nos mercados, pães nas padarias, limpeza nas vielas, funcionários nas fábricas, canavieiros nas plantações, devotos nas igrejas e diversão nos botequins. A carestia dos produtos alimentícios foi duramente criticada, e, na tentativa de conter os abusos e protestos, o prefeito impôs preços temporários em mantimentos como o leite, que passou a ser vendido ao preço de 300 mil réis por garrafa no máximo. (SOBRAL *in* DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CAMPOS, 28/10/1918).

De um lado, enquanto a Gripe se espalhava, pessoas iam para Atafona, Gargau e Imbetiba, para escapar do contágio. De outro lado, rapazes morriam em jogos de futebol, que ocorriam baixo ao sol escaldante do norte fluminense (RODRIGUES, 1988, p.198). Ainda no quesito “futebol”, nem mesmo os atletas profissionais, dotados de distinto histórico, livraram-se do terrível mal. Um triste exemplo é o do jogador inglês Archibald French, então parte do elenco do *Fluminense Football Club*, que contraiu a Gripe e acabou morrendo em decorrência daquele vírus (O PAIZ, 09/12/1918, p.6).

Mesmo com muitos esforços, as chuvas de outubro não levaram a Gripe consigo. Os casos multiplicavam-se e o silêncio reinava na cidade. Muitas pessoas faleceram durante o surto, 244 apenas no penúltimo mês do ano (REGISTROS CIVÍIS DE CAMPOS, 1918), e, no dia de finados, um tom obscuro marcou o embargo da procissão (FOLHA DO COMMÉRCIO, 24/10/1918). O clima era de medo e tristeza, a Campos dos Goytacazes-RJ já não mais parecia a mesma.

## **Ato II: Gerenciamento**

Tudo começou em dezembro de 1917, quando Décio Parreiras acabara de finalizar o seu bacharelado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depois de haver sido agraciado com a medalha “Francisco de Castro”, em função do seu excelente trabalho de conclusão de curso (GAZETA DE NOTÍCIAS, 30/12/1918, p.6), o médico foi convidado a se especializar na Europa onde permaneceria pelo tempo de 12 meses (*ibidem*). Em janeiro de 1918, Parreiras foi levado para a França, a bordo do Leon XIII, para auxiliar os hospitais de sangue franceses durante a Primeira Guerra Mundial (O PAIZ, 02/01/1918, p.3). Na volta para casa, fez passagem pela Espanha a caminho de Buenos Aires (O PAIZ, 16/06/1918, p.7), onde encontrou famílias espanholas adoecidas do “terrível mal” (O PAIZ, 17/06/1918, p.5). Em setembro de 1918, Parreiras assumiu o cargo de diretor da Comissão Rockefeller em Campos (O PAIZ, 08/09/1918, p.8), e, chegando ao seu novo emprego, Décio Parreiras tornou-se celebridade, concedendo entrevistas para diversos periódicos. Na sua primeira declaração a Álvaro Santos, da *Folha do Comércio*, o doutor disse o seguinte:

Vinha eu da Espanha onde, como lhe disse, apareciam os primeiros casos mórbidos, e, pouco depois de termos deixado o porto de Virgo, surgia a Influenza a bordo, sendo atacados muitos passageiros, que apresentavam sintomas muito semelhantes aos do Tifo, como astenia, laringite, cefaleia e mialgias erógenas. Dois ou três desses casos se manifestaram perfeitamente com as características dos tifos levíssimos. A moléstia assumia logo proporções de epidemia a bordo, visto que no segundo dia, após ter surgido o primeiro caso, já havia cerca de 24 pessoas atacadas do mesmo mal (PARREIRAS in FOLHA DO COMMÉRCIO, 10/10/1918, s/p).

Conforme o relato de Parreiras, os primeiros sintomas observados na pandemia de Gripe assemelhavam-se aos da febre tifoide. Tais sintomas consistiam em astenia (fraqueza), laringite (inflamação da laringe), cefaleia (dor de cabeça) e mialgias (dores musculares). Também relatou o alto grau de transmissão da doença. Contudo, a Influenza ainda não grassava em Campos quando a conversa entre redator da *Folha* e Décio Parreiras foi materializada (em 07/10/1918). Mas o entrevistador insistiu para que o doutor dissesse quais procedimentos haviam sido adotados no combate da tal “malignidade” ao longo da viagem de retorno. A este respeito, ele respondeu:

A medicação com que obtivemos os resultados mais satisfatórios foi o Quinino associado à Aspirina ou ao Piramidon. Houve apenas dois [casos fatais]. E dois outros passageiros, que comigo viajavam. Nenhum mais foi atacado, até chegar ao Rio, e isso conjectura a um tratamento que os deu melhores resultados, como preventivo, 25 centigramas de Quinino diariamente. (PARREIRAS in FOLHA DO COMÉRCIO, 10/10/1918, s/p).

No dia em que foi publicada a declaração de Parreiras, as inscrições das gazetas campistas infestaram-se de anúncios de Quinino. Tanto *O Monitor Campista* como a *Folha do Comércio* passaram a divulgar, em suas páginas, indicações de outros profissionais da saúde que recomendavam o uso daquele alcaloide em medidas profiláticas, como é o caso deste “conselho médico”:

1- Usar de gargarejos e colutórios de solução de ácido tímico a um por mil, ou de água com suco de limão; 2- Usar de instilações, nas narinas, de óleo gondolado, ou vaselina mentolada, ou ainda de algodão Forman. 3- Tomar uma cápsula de 25 centigramas de um sal de quinino, ou uma pastilha das denominadas antipalúdicas, quinino e arrehenal; 4- Lavar as mãos e o rosto, especialmente a barba, frequentemente, em água levemente antisséptica, especialmente antes e depois das refeições; 5- evitar as mudanças bruscas de locais de temperaturas diferentes; 6- não conservar no corpo roupas úmidas de suor, e mudá-las quando isso suceder. 7- Evitar o contato de moscas no alimento e usar das verduras só depois de cozidas e de frutos depois de bem lavados (FOLHA DO COMÉRCIO, 10/10/1918, s/p).

O Quinino e seus derivados, como os Sulfatos e os Sais, eram os analgésicos mais utilizados durante a Pandemia. Este pó branco, inodoro e amargo, vinha sendo empregado desde o surto de 1890 em enfermos de Malária. Como bem escreveu o professor de Harvard Charles Rosenberg no capítulo *The Therapeutic Revolution*, o quinino era prescrito pelos médicos em função do seu efeito geral nos pacientes, e não tinha vistas de eliminar a doença (1992, pp.9-2). Para John Barry, assim como a vacina contra a Febre Tifoide (Tifo), a “quina” foi dada aos pacientes na esperança de que pudessem “ser também eficientes contra a gripe” (2020, p.422), mas sem comprovações científicas suficientes.

Junto a quinina, usava-se vaselina mentolada, limão, ácidos, copos de água com açúcar, gargarejos de água com sal de cozinha, essência de canela, inalações de água gaseificada com tanino e antissépticos. Uma das primeiras medidas adotadas foi a antisepsia do nariz, da cavidade bucal e do aparelho estomacal. Também se recomendava a distância das bebidas alcoólicas e das pessoas à noite. Apesar disso, a rotina diária de trabalho seguiu normalmente, até a detecção real da emergência.

Além de Décio Parreiras, o recém graduado médico Bastos Tavares foi também convidado a se pronunciar a respeito da Espanhola. Nascido em Campos dos Goytacazes em 1893, Bastos Tavares havia sido colega de Parreiras na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Quando Tavares retornou à casa, foi convidado, de igual modo, pela *Folha do Comércio*, para pronunciar-se sobre a Gripe por meio de carta. Mas o doutor parecia não acreditar que a morbidade campista era a mesma da Espanha e, em sua versão sobre a sintomatologia daquela “endemia”, o doutor relacionou a sazonalidade da doença a fatores climáticos, alegando que a temperatura de um local teria interferência tanto no crescimento e difusão do “gérmen” quanto na sua apresentação sintomática.

[...] Como todas as moléstias epidêmicas a gripe está subordinada a variações sintomáticas, ligadas por sua vez a condições telúricas, atmosféricas e climatológicas por influência dos quais se pode atenuar ou exaltar a virulência do seu gérmen patogênico. Essa diversidade do quadro clínico da influenza levou os observadores a descreverem várias formas de gripe, conforme a predominância de lesões e signas neste ou naquele órgão. Se a Gripe é uma piroxia infectuosa e essencialmente epidêmica, deve-se evitar o contágio, isto é, fazer-se o tratamento profilático (BASTOS TAVARES *in* FOLHA DO COMMERÇIO, 12/10/1918, s/p).

Antes mesmo do surgimento da Microbiologia, “no último quartel do século XIX” (TEIXEIRA, 1995, p.13), o termo “Influenza di freddo” (influência do frio), originado no município italiano de Florença por volta de meados do século XVIII, relacionava a existência da Gripe à variação climática (KILBOURNE *apud* KOLATA, 2002, p.16). Sobre a “diversidade do quadro clínico que levou os observadores a descreverem vários tipos de Gripe”, alguns desses diagnósticos aparecem nos registros de óbitos dos campistas, a saber: bronquite com gripe; broncopneumonia gripal; gripe cardíaca; gripe hemorrágica; gripe com meningite, dentre outras (REGISTROS CIVIS DE CAMPOS, 1918). No que diz respeito ao controle e tratamento do suplicio, Parreiras e Tavares eram consensuais sobre as profilaxias a serem adotadas, no que tange ao uso do quinino:

[...] o isolamento do doente, a interdição ou fechamento das casas, estabelecimentos (liceus, escolas, etc.) onde tenha havido caso de influenza, medida já posta em prática pela administração; fugir às aglomerações e aproximação dos contaminados,



não se expor ao ar úmido, e uso dos gelados; cuidados antissépticos da boca e nariz, usar água filtrada ou, melhor, fervida. Nutro íntima convicção de que a prescrição diária de 25 centigramas de cloridato de Quinino conferiria imunidade, tornando-se abortivo na dose de um grama nas 24 horas ao despontar do mal. (BASTOS TAVARES *in* FOLHA DO COMMÉRCIO, 12/10/1918, s/p).

Outro médico procurado pela *Folha do Comércio* foi Severino Lessa, também formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1909 e, posteriormente, chefe do serviço médico prestado pela Cruz Branca campista. Percebe-se que, pelas suas declarações, Lessa acreditava que a gripe afetava a todas as classes de maneira indiscriminada, isto é dizer, afetava as pessoas independentemente de sua situação social, econômica, higiênica, nutricional, dentre outros fatores.

A Gripe é a moléstia infecciosa do mais dilatado cosmopolitismo. Reina endemicamente sob todos os climas, acomete todas as raças e em todas as idades. Por causa da sua ubiquidade é conhecida por uma vasta sinonímia: cada lugar batiza-a a seu modo. Desta feita surgiu entre nós com o nome de Influenza Espanhola, e por isso feito a delícia dos trocadilhistas. Conhecida no oriente e na Europa muito antes da descoberta no Brasil, a Gripe foi magistralmente estudada e descrita por Sydenham e posteriormente, no século passado, por Graves. (LESSA *in* FOLHA DO COMMÉRCIO, 13/10/1918, s/p).

No entanto, acompanhando a explicação, vê-se que Severino Lessa também admitiu as irresoluções etiológicas relativas à pandemia que grassava, estampando ainda as dúvidas que a comunidade científica trazia consigo no decorrer da tragédia. Ademais, o doutor demonstrava não acreditar que a Gripe “de Dakar” era mesma gripe que acometia as cidades sazonalmente, no que aproveitou para “reclamar” a falta de ações do diretor geral da saúde pública, glorificando, nesse ínterim, o modelo de profilaxia marítima de Oswaldo Cruz – num momento decisivo onde Carlos Chagas, novo diretor do Instituto Oswaldo Cruz em Manguinhos-RJ, era cotado para assumir o cargo de chefe do serviço de Combate à Epidemia por Wenceslau Brás (GOULART, 2003, p.95).

A epidemia que ora invadiu o Rio de Janeiro está se tornando uma verdadeira calamidade pública, não é moléstia nova ou mal conhecido, não é também, apenas um surto epidêmico de gripe carioca. É, seguramente, a gripe exótica, importada de Dakar, mercê da imprudência da Diretoria Geral de Saúde Pública. A sucessão cronológica dos fatos o prova subjetivamente. O primeiro caso de Gripe surgiu depois de haver aportado o primeiro navio contaminado. Chegados os primeiros doentes a diretoria de saúde verificou tratar-se de gripe, e ficou tranquila; era uma velha conhecida e podia entrar. [...] (mesmo dispondo) de um regulamento, talvez obra de Oswaldo Cruz, que é um modelo de profilaxia marítima internacional (LESSA *in* FOLHA DO COMMÉRCIO, 13/10/1918, s/p).

Sobre o fragmento “importada de Dakar”, algumas questões se fazem dignas de nota. A origem dos termos “Gripe Senegalesa” e ainda “Gripe de Dakar” está associada à notícia de que centenas de participantes da Missão Médico Militar, atuantes na região da Senegâmbia, haviam morrido durante a prestação de socorros (ao lado da França). Um fato interessante reside no ponto de que, no Senegal, conforme indicou o texto *The Dog That Did Not Bark* por Myron Echenberg, a hipótese comum passa pelo entendimento de que a Gripe, chamada “Brésilienne”, surgiu de navios brasileiros sob os cuidados britânicos, que não inspecionaram suas embarcações e pacientes adequadamente quando passaram por Freetown, em Serra Leoa (ECHENBERG, 1998, p. 232).

Além de ser cognominada como Gripe de Dakar e como Gripe Espanhola, a doença também ficou conhecida, no Brasil, como “Gripe Alemã” - em função do clima de desconfiança gerado pelo torpedeamento de um navio mercante brasileiro por um submarino alemão (GOULART, 2005, p.103), no dia 5 de abril de 1917. O “Vapor Paraná” havia sido naufragado a caminho de Le Havre, com tiros de canhão, matando três tripulantes do cargueiro (O PAIZ, 07/05/1917, p.3).

Uma possível explicação para a alcunha de “Gripe Espanhola” dada à Influenza de 1918 reside no fato de a Espanha ter sido um dos primeiros países a admitir a existência desta doença em seu território (CROSBY, 1989, p.28). Contudo, as principais hipóteses defendem que esta pandemia teve o seu início nos Estados Unidos (CROSBY, 1989, pp.37-39) ou então na China (HUMPHRIES, 2014, pp.55-81). Destaque-se também que, em outras nações para além do Brasil e do Senegal, a doença foi designada como Gripe Bolchevique (Polônia), Gripe Britânica (Pérsia), Gripe do sumô (Japão) (SPINNEY, 2017, pp.69-70), bronquite purulenta (França), Febre de Flandres (Alemanha), febre das moscas (Itália), febre dos três dias (Estados Unidos) (CROSBY, 1989, pp.25-27), Pneumônica (Portugal) e Dançarina/Bailarina (Espanha) (SOUZA, 2009, p.132). Hoje, por iniciativas como a *Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*, sabe-se que a estigmatização de povos por epidemias tornou-se inaceitável (ONU, 2001, p.38).

Por mais que os médicos de Campos dos Goytacazes, assim como nas demais localidades do país e do mundo, não tenham conseguido elaborar explicações capazes de aniquilar a pandemia, conclui-se que não poderíamos definir a impotência dos médicos campistas como sendo sinais de um ofício inapto. A partir da análise dos dados, e, sobretudo, das explicações de Christiane Maria Cruz de Souza, verifica-se que “os recursos utilizados eram os mais avançados que se dispunha e o saber

em circulação e acessado pelos médicos era o produzido nos maiores e melhores centros de pesquisa do mundo” (2009, p.26). Na esteira desta análise, vê-se que Campos contava com o apoio de médicos como Décio Parreiras, que redigiu a melhor conclusão de curso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1917 (GAZETA DE NOTÍCIAS, 30/12/1918, p.6). Além de Parreiras e de subpostos da Rockefeller, o corpo político da cidade era constituído por médicos em sua grande parte e, no tópico a seguir, veremos o conhecimento deste corpo sendo posto em prática.

### **Ato III: Negociação Pública**

Destacou-se anteriormente que, no período pandêmico, a carestia e a fome eram duas constantes na Campos dos Goytacazes. O preço de produtos proteicos como o leite, os ovos e a carne de frango; de carboidratos como o melado, o pão e o limão; e de medicamentos como a quinina e a aspirina extrapolava, em muitos mil réis<sup>11</sup>, os fundos econômicos de uma família cujo único mantenedor se arranjava como jornalista ou operário. Este fato não pode ser explicado tão somente pelas práticas abusivas de alguns comerciantes, senão também pelo restrito número de alimentos disponíveis no decorrer da Gripe. Com efeito, desde o contexto pandêmico constava que a miséria era, na verdade, um problema crônico. Tanto o é que as mesmas carestia e fome foram vistas em capitais como Rio de Janeiro (GOULART, 2003, p.46), São Paulo (BERTOLLI FILHO, 2003, pp.224-244; BERTUCCI, 2004, p.92), Porto Alegre (ABRÃO, 1996, pp.95-116), Salvador (SOUZA, 2009, pp.48-50), Belo Horizonte (2007, pp.152-157), Manaus (GAMA, 2013, p. 21), Recife (SILVA, 2017, pp.59;113), Goiânia (NETO, 2011, p.19), e Belém (ABREU JUNIOR, 2018, p.132).

O que nos agrava o flagelo que nos assola é sem dúvida o estado de miséria já que uma série de coisas reduziu a população. A situação de guerra, a imprevidência política nacional, medidas mal empregadas do comissariado da alimentação pública, as dificuldades da Leopoldina [...] vieram intensificar mais a miséria que lavra já entre as classes menos favorecidas. Não é de hoje que a pobreza está sendo mal alimentada e vivendo sem o menor conforto, prova mesmo das mais elementares condições de higiene. Surpreendendo assim, um corpo exausto pelo trabalho e depauperado pelo desequilíbrio da economia orgânica, não é de admirar que haja de fraquejar cooperando grandemente, pois que os casos são numerosíssimos para o coeficiente alarmante com que a epidemia assombra a todos. Aí está a imprevidência dos governos (FOLHA DO COMMERCIO, 22/10/1918, s/p).

---

<sup>11</sup> Ferraretto aponta que "em 1918, no campo ou na cidade, o salário mensal varia de 80 mil-réis a 120 mil-réis", ao passo que, "O consumo mínimo de uma família operária de porte médio chega a 207 mil-réis" (2014, p.6)".

Todavia, mesmo frente a um contexto de fome, de risco de contágio e de desespero, conforme aguçou Anny Jackeline Torres Silveira, “a participação da sociedade no socorro às vítimas da influenza é um aspecto marcante da pandemia, sendo enfatizado na maior parte dos trabalhos dedicados ao tema” (SILVEIRA, 2007, p.178). No palco do mundo, o episódio da Gripe Espanhola foi protagonizado pelo envolvimento de médicos, pessoas-comuns, associações de comerciantes, sociedades de imigrantes e instituições de caridade em geral (SILVEIRA, 2007, p.178). Estas ações participativas foram fundamentais para a superação deste momento de caos e em Campos não seria diferente. Sob a inspiração das ações empenhadas pela Cruz Vermelha, foi inaugurada, no dia 21 de outubro de 1918, a “Cruz Branca” (FOLHA DO COMMÉRCIO, 22/10/1918) cujo funcionamento ocorreu até o dia 23 de novembro de 1918 (FOLHA DO COMMÉRCIO, 24/11/1918).

A “Cruz Branca”, fundada pela associados do comércio de Campos, e presidida por Antônio João Alves de Magalhães (Actas da Câmara, 21/11/1918, p.351), em sua sede institucional na Praça São Salvador, número 25, concretizava o sentimento humanitário despertado por um contexto de mortes em massa. Ao longo de sua jornada, a entidade recebeu o apoio vital e financeiro de todo o município. Além de prestar socorros aos enfermos da Espanhola, a instituição temporária fazia a distribuição gratuita de alimentos e remédios às “centenas de indivíduos que, na pobreza em que viviam, o mal invasor fustigou duplamente” (FOLHA DO COMMÉRCIO, 22/10/1918, p.1).

Dia após dia, ao longo dos 33 dias de duração desta organização, as mídias impressas abriam colunas e mais colunas para registrar todo o número de donativos oferecidos em favor da Cruz Branca. O registro publicado diariamente parece ter feito surtir o altruísmo na comunidade campista. Quanto mais elevado era o valor do donativo, maior era o espaço e prestígio alçado pelo doador. Deste modo, percebe-se que ajuda humanitária foi marcada pelo exibicionismo de alguns, sendo ilustrativa a declaração da *Folha do Comércio* sobre a passagem da Cruz Branca às ruas campistas.

[...] É admirável este trabalho e por isso mesmo, bem longe do despertar do susto, a passagem rápida de seus automóveis, que cruzam em todas as direções, levando hasteada a bandeirola com a Cruz Branca que é o seu símbolo, desperta um sentimento de admiração porque todos reconhecem naquela obra o característico popular que emprestou a alma ao povo. Nas sombras densas que a calamidade fez faiscar sobre Campos, a Cruz Branca veio luzir com o fulgor suave de uma estrela d'alva, reanimando os fracos pelo sofrimento e encorajando mais ainda os fortes pela piedade. Amparemos a Cruz Branca! (FOLHA DO COMMÉRCIO, 1918).

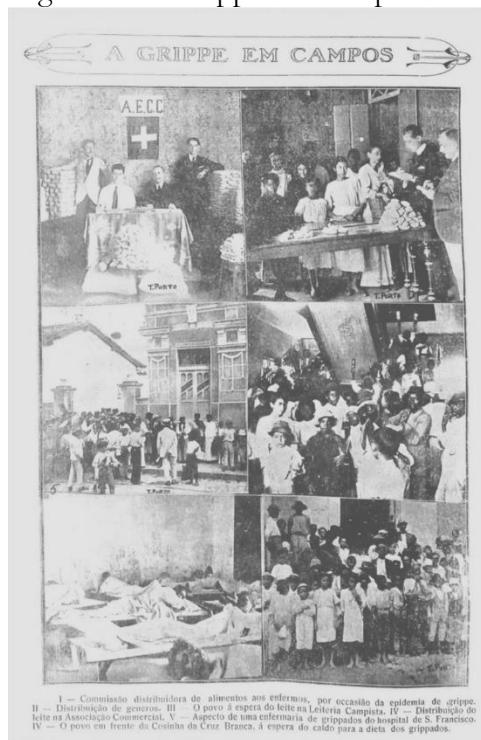
Em contrapartida, de tudo se fazia pela obtenção de uma única refeição. Homens, mulheres e

crianças submetiam-se ao risco de contaminação ao aglomerarem-se nas portas da cozinha da Cruz Branca. Médicos, cozinheiras e comerciantes doavam-se, literalmente, na consecução gratuita de um atendimento especializado ou na oferta de um prato de comida aos pobres. Não por acaso, muitos médicos ficaram adoecidos pela doença e mesmo o próprio prefeito, Dr. Luiz Sobral, que também era médico. Segundo *O Monitor Campista*, pelo menos 5334 receitas foram aviadas aos indigentes ao longo de 30 dias. O fornecimento de comida, no Liceu de Artes, deu-se sobre essas condições:

[...] haviam fornecido no liceu de artes e ofícios, comida a 686 pessoas, tendo continuado ainda, depois que daí saímos, um grande movimento. Uma grande quantidade de enfraquecidos e sem trabalho, pela paralização de todas as atividades, perambulavam pelas ruas emagrecidos à míngua de alimentação havendo muita miséria (FOLHA DO COMMERCIO, 25/10/1918, s/p).

Mas a prefeitura de Campos dos Goytacazes também não se ausentou, mediante a situação. Reconhecendo “os interesses de vida da população pobre do município à mercê dos seus escassos recursos pessoais” (Actas da Câmara, 21/11/1918, p.351), o governo local contratou médicos em regime extraordinário a fim de que prestassem serviços à repartição de higiene municipal. Conforme a Ata da 14ª reunião do Conselho, ademais, se construiu um hospital de assistência temporária, em dois prédios, onde esteve o grupo escolar João Clapp (com capacidade para a internação de 600 pessoas). Também se autorizou que todas as farmácias da cidade pudessem aviar, sob o custeamento da prefeitura, as receitas para indigentes, firmadas por qualquer médico. Se enviou também medicamentos para todos os distritos do município, e, acrescentou em 100.000\$000 na verba de 20.000\$000 que havia sido destinada, outrora, aos socorros (Actas da Câmara, 21/11/1918, p.351).

Figura 1. “A Grippe em Campos”<sup>12</sup>



Fonte: Revista *Gênese*, 1918, p. 111

Por todos os motivos elencados na extensão deste tópico, pode-se dizer que foi justamente a camada mais pobre da população campista, excluída de todos os benefícios modernos que a “capital do açúcar” poderia oferecer, que sofreu, de forma mais extensiva, o fardo pesado daquela doença. Foi entre os pobres, muitas vezes expressos na categoria de “indigentes”, que as consequências da Gripe foram mais nefastas. Desta forma, assim como a maior parte das análises de caráter historiográfico acerca da Gripe Espanhola no Brasil que se empenharam na tentativa de romper com a ótica de que essa pandemia teria atingido indiscriminadamente a todos, este trabalho discorda da ideia de uma gripe espanhola “democrática”, nas palavras de Cláudio Bertolli Filho (2003).

#### **Ato IV: Retrospeccção**

Enquanto se acreditava que o número de vítimas da Espanhola em Campos iria prosseguir com a sua multiplicação contínua, os primeiros rastros de declínio do flagelo pairaram sobre o ar em

<sup>12</sup> Figura 1 (descrição presente na imagem): “I – Comissão distribuidora de alimentos aos enfermos, por ocasião da epidemia de gripe, II – Distribuição de gêneros, III – O povo à espera do leite na Leiteira Campista, IV – Distribuição do leite na Associação Commercial. V – Aspecto de uma enfermaria de gripados do hospital de S. Francisco. IV - O povo em frente da Cozinha da Cruz Branca, à espera do caldo para a dieta dos gripados.”

meados de novembro. Isto porque o contingente de enfermos, oferecido pela diretoria de higiene, anunciava o feliz recuo da pandemia. Porém, muitas pessoas ainda seguiram acometidas e morrendo entre o fim de novembro de 1918 e meados de fevereiro de 1919. Mas a pressa em se livrar de todo o peso que a morte coletiva trazia consigo fez com que o prefeito praticamente decretasse o fim da doença na sede da planície goitacá ainda em 21 de novembro de 1918. Tanto que apenas dois dias após a 14ª reunião do Conselho de vereadores, em 23 de novembro de 1918, foram amputados os auxílios oferecidos pela Cruz Branca, em detrimento da inexistência de uma legislação que assegurasse o pagamento pelos dias de paralisação aos beneficiários desta entidade filantrópica.

Apesar das cicatrizes abertas, o município logo normalizou a sua rotina. Com o fim da amarga Primeira Guerra, a Europa devastada não poderia colher o doce açúcar de sua beterraba. Assim, do limão fez-se a limonada e, para a limonada fez-se o açúcar, quando as usinas campistas da cana-de-açúcar voltaram a moer a todo o vapor. A exportação do açúcar criou um grande clima de euforia na Campos dos Goytacazes logo após a passagem flagelo. O impulso da cana estendeu-se à cachaça e, por conseguinte, à vida noturna. Desde que foram percebidos os primeiros sinais de regressão da doença, bares, cinemas, cassinos, teatros e clubes ansiaram por reabrir os seus estabelecimentos comerciais (RODRIGUES, 1988, p.199). O comércio já não podia arcar com o prejuízo de seus dias de paralisação, e a Santa Casa de Misericórdia já mensurava um déficit de 9:285\$580 (LAMEGO, 1951, p.79). Assim, as notícias sobre a Gripe foram afuniladas nos jornais.

Passada a crise da Espanhola, um longo período de silêncio marcou o “pós-pandemia”, que só viria a ser rompido em 1947, com a publicação do segundo volume do livro *Efemérides da Terra Goitacá* pelo advogado e memorialista Alberto Lamego. Mais tarde, em 1955, o episódio da Influenza de 1918 seria mencionado pelo médico Barbosa Guerra em artigo, na edição comemorativa do primeiro número de *O Monitor Campista*. Em 1988, o livro *Na Taba dos Goytacazes* apontou a incidência da Gripe em Campos e, em 2009, durante a “Gripe Suína”, um artigo escrito por Nélcio Artiles Freitas, médico infectologista, citou a Gripe Espanhola na revista da Faculdade de Medicina de Campos, mas sem a trazer a sua ocorrência na própria cidade. Recentemente, em 2020, com o

*Coronavírus*, um artigo de blog publicado por Graziela Escocard intitulado *Como foi a gripe espanhola em Campos dos Goytacazes?*<sup>13</sup> mensurou alguns pontos sobre a pandemia em sua versão campista.

A despeito deste “clima de esquecimento”, há o contraste de um local que, decerto, jamais olvidou a Gripe Espanhola. Trata-se da paróquia de “São João Batista”, localizada na rua Dr. João Maria. Na condição de “lugar de memória” (NORA, 1993), a narrativa da instituição está diretamente relacionada à Influenza de 1918, posto que foi fundada em ação de graças pelo imigrante italiano João Batista Paravidino que, ao ser enfermo e curado da doença no bairro Capão, “pediu a intercessão de São João Batista junto a Deus, comprometendo-se a construir uma pequena capela, em honra do Santo Precursor de Jesus Cristo”<sup>14</sup> (SOUSA, 2020). Desde então, a cada 24 de junho (data em que se comemora a natividade de São João Batista), a *aura simbólica* (NORA, 1993, p.21) da irrupção gripal envolve a igreja, e se perpetua enquanto parte do imaginário fundador da mesma.

## Conclusão

Ao longo dos parágrafos que compuseram este artigo, discutiu-se sobre o episódio da Gripe Espanhola em Campos dos Goytacazes. A pandemia acometeu parte significativa da cidade, localizada no estado do Rio de Janeiro, entre outubro de 1918 e fevereiro de 1919. Este período campista se caracterizava por um cenário onde manifestações endêmicas e epidêmicas assolavam o corpo social da planície. Mas a doce sorte de lucros, gerados pela cana-de-açúcar, sustentava a modernização da saúde que, a sua vez, nem sempre alcançava aos desvalidos. Estes, em contrapartida, amargavam as cheias fluviais e as condições precárias de moradia e de nutrição.

Partindo destes pontos, propôs-se, então, a lançar luz sobre o percurso de chegada da Influenza de 1918 em Campos. Intentou-se mobilizar, também, as diferentes formas pelas quais a gripe modificou a rotina desta localidade. Na sequência, nos interessou, ainda, as reações dos atores sociais mediante a crise do flagelo, bem sobre os descaminhos e menções da Gripe na posterioridade. Para tanto, os quatro atos da “dramaturgia *rosenberguiana*” (revelação progressiva, gerenciamento,

---

<sup>13</sup> ESCOCARD, Graziela. “Como foi a gripe espanhola em Campos dos Goytacazes?”. **Jornal Terceira Via**, Campos dos Goytacazes-RJ, 12/08/2020. Disponível em: <<https://www.jornalterceiravia.com.br/2020/08/12/como-foi-a-gripe-espanhola-em-campos-dos-goytacazes/>>. Acesso em: 08/09/2020.

<sup>14</sup> SOUSA, Ruan. “Paróquia São João Batista, no Capão, festeja o padroeiro no dia 24 de junho”. **Diocese de Campos**. Campos dos Goytacazes-RJ, 24/07/2020. Disponível em: <<https://diocesedecampos.org.br/paroquia-sao-joao-batista-no-capao-festeja-o-padroeiro-no-dia-24-de-junh/>>. Acesso em: 08/09/2020.



negociação pública e retrospecto), presentes nesta análise, auxiliaram na obtenção de um panorama preciso sobre o enquadramento social, cultural, político e econômico de uma pandemia.

Num primeiro momento, o diretor de Higiene Dr. Alberto Cruz, assim como o prefeito Dr. Luiz Sobral, negou que os casos de gripe fossem causados pelo mesmo vírus que grassava sobre a Europa. Seguindo o *script* de nacional da saúde pública, Cruz declarou que os casos de gripe eram sazonais, e que deveriam ser tratados com quinino ou aspirina. Mas o agravamento da influenza os levou a reconhecer a presença do vírus na cidade através de uma **revelação progressiva**. Mesmo contando com os recursos mais avançados que se dispunha até então, como o aparelho Clayton e os saberes em circulação pela Rockefeller, o corpo médico campista não foi capaz de aniquilar a Influenza de 1918. Contudo, o conhecimento sobre a transmissibilidade da gripe, bem como o acato à quarentena, foi de fundamental importância para o **gerenciamento** do surto gripal.

Em um contexto de medo e escassez de recursos, ao contrário do que se poderia esperar, as ações advindas de várias personagens da sociedade campista foram mobilizadas para contornar os estragos da pandemia através da Cruz Branca, órgão pertencente à Associação Comercial de Campos e grande protagonista no assistencialismo. Reconhecendo que a gripe não atingia indistintamente às classes sociais, senão, principalmente, aos pobres e aos “indigentes”, patrões, médicos e a prefeitura iniciaram um processo de **negociação pública** onde não se pagava os salários na crise, mas fazia-se a prestação de socorros públicos e a doação de alimentos na cozinha (em aglomeração).

Havendo passado a pandemia, uma **retrospecção** n’O *Monitor Campista* marcou o fim do flagelo na cidade de Campos, em 15 de janeiro de 1919. No fim da Primeira Guerra Mundial, a alta do preço do açúcar ofuscou a experiência gripal, que rapidamente foi olvidada. Mas como quocientes da doença, a abertura da paróquia de “São João Batista”, fez a gratidão e a fé dos religiosos, e, aos que aderiam às festividades noturnas, novos teatros, bares, restaurantes e atrações em geral. A doença somente viria a ser lembrada em 1947, com o volume II de *Efemérides da Terra Goitacá*.

### Referências bibliográficas:

ABRÃO, Janete Silveira. **Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918**. Porto Alegre: EDIPCRS, 1998.

ABREU JUNIOR, José Maria de Castro. **O vírus e a cidade: rastros da gripe espanhola no cotidiano da cidade de Belém (1918)**. Belém: Paka tatu, 2018.

- BARRY, John. **A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Intrínseca. 2020.
- BASSANEZI, Maria Sílvia Casagrande Beozzo. *Uma trágica primavera. A epidemia de gripe de 1918 no Estado de São Paulo, Brasil*. In: Congresso da ALAP. Montevideu: **Anais**. 2012.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Divisão de Editoração, 1990.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. **A gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BERTUCCI, Liane Maria. **Influenza, a medicina enferma: Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRITO, Nara Azevedo de. *La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro*. In: **História, Ciências e Saúde: Manguinhos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
- BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. “Projetos e Relatórios: Saneamento de Campos”. In: **Obras completas de Saturnino de Brito**. Volume VI. Imprensa Nacional. 1943.
- CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Livro de Actas da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes, 1913-1919**. Campos dos Goytacazes: Biblioteca da Câmara Municipal. 1919.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CROSBY, Alfred. **America’s Forgotten Pandemic. The Influenza of 1918**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- DALL’AVA, João Paulo. **Sorocaba entre epidemias: a experiência de Álvaro Soares na febre amarela e na gripe espanhola (1897-1918)**. Dissertação. 2015.
- DALL’OGLIO, Ana. SCHLEMPER JUNIOR, Bruno. *A Pandemia de Influenza Espanhola (1918) em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil*. In: **Arquivos Catarinenses de Medicina**, 2011. Pp. 104-114.
- DAMASCENA NETO, Leandro. **Influenza Espanhola de 1918-1919 na cidade de Goiás**. (Tese de doutorado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011.
- ECHENBERG, Myron. *The Dog That Did Not Bark: Memory and the 1918 Influenza Epidemic in Senegal*. In: PHILLIPS, Howard; KILLINGRAY, David (organizadores). **The Spanish influenza pandemic of 1918-19: new perspectives**. London: Routledge, 2003. pp. 230-238
- FARIAS, Silviane de Carvalho. *A influenza entre nós: A interiorização da gripe espanhola na Amazônia e a chegada da doença a Bragança (PA) (1918)*. **Fronteiras e debates**, v. 6, p. 67-84, 2019.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil*. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, p. 11-21, 2014.
- FERREIRA, Renata Brauner. **Epidemia e drama: a Gripe Espanhola em Pelotas – 1918**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

FRANCO, Sebastião Pimentel; LOPES, André Fraga; FRANCO, Luiz Felipe Sias. *Gripe espanhola no Espírito Santo (1918-1919): alguns apontamentos*. Dimensões, 2016.

FREITAS, Carlos Roberto Bastos. **O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes: a sedução persistente de uma Instituição Pública**. Dissertação. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense, 2006.

FREITAS, Nélío Artilles. *A epidemia da desinformação*. **Revista científica da faculdade de Campos**. Campos dos Goytacazes. 2009, pp.22-23.

GAMA, Rosineide de Melo. **Dias mefistofélicos: a Gripe Espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919)**. Dissertação. UFAM, Manaus: 2013.

GOULART, Adriana da Costa. *Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro*. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro. 2005, pp.101-142.

\_\_\_\_\_. **Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro**. 2003. Dissertação. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento: as bases da política da saúde pública no Brasil**. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998.

KOLATA, Gina Barry. **Gripe: a história da pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **Efemérides da Terra Goitacá**. Niterói: Diário Oficial. 1947

\_\_\_\_\_. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: IBGE. Conselho nacional de Geografia, 1945

LANA, Vanessa. **Ferramentas, práticas e saberes: a formação de uma rede institucional para a prevenção do câncer do colo do útero no Brasil - 1936-1970**. Tese. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz. 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Paris: Gallimard, 1988.

LESSA, Severino. **A água potável e o abastecimento de Campos: Trabalho feito no laboratório municipal de analyse**. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Dissertação. 1909.

LÖWY, Ilana. **Vírus, mosquitos e modernidade – a febre amarela no Brasil entre a ciência e a política**. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2006.

MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha; MOTA, André (organizadores). **Racionalidades em disputa: Intervenções da Fundação Rockefeller na Ciência, Medicina e Práticas Médicas do Brasil e América Latina**. FMUSP/UFABC/Casa de Soluções. 2015.

MARTINS, Maria José Moraes. **A Gripe Espanhola em Belém, 1918. Cidade, cotidiano e medicina**. Dissertação. Universidade Federal do Pará, 2016.

NETO, João Toniolo. **A História da Gripe: a Influenza em Todos os Tempos e Agora**. Dezembro XII Editora. 2001.

NORA, Pierre. *Entre história e memória: a problemática dos lugares*. **Projeto História**. São Paulo: 1993.

OLINTO, Beatriz Anselmo. **Uma cidade em tempo de epidemia. Rio Grande e a gripe Espanhola (RS – 1918)**. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração e plano de ação. **Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata**. Durban: 31 de agosto a 8 de setembro de 2001.

PAIVA, Maria Cristina A. de. *O flagelo da gripe espanhola: de negação à convicção de sua presença letal no Espírito Santo (1918-1919)*. In FRANCO, Sebastião Pimentel; SILVA, Simone Santos de A.; NOGUEIRA, André Luis L. (organizadores). **Artes de curar: doenças em perspectiva**. Vitória: Editora Milfontes, 2019, pp. 203-221.

REBELO, Fernanda. *Entre o Carlo R. e o Orleannais: a saúde pública e a profilaxia marítima no relato de dois casos de navios de imigrantes no porto do Rio de Janeiro, 1893-1907*. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, 2013, pp.765-796.

RIBEIRO, Anna Cristina R. de Carvalho. **Entre alcunhas, altares e alcovas: a gripe espanhola na boca do Sertão Paulista - Botucatu, 1918**. Dissertação. Universidade de São Paulo. 2020.

RISSO, Sérgio Rangel. **Saúde Pública em Campos dos Goytacazes: da Epidemia de Cólera de 1855 às políticas de saúde pública na República Velha (1889-1930)**. Dissertação. Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense. 2006.

RODRIGUES, Hervé. **Campos- Na Taba dos Goytacazes**. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.

ROSENBERG, Charles Ernest. **Explaining epidemics and other studies in the History of Medicine**. Cambridge, Cambs: Cambridge University Press, 1992.

ROSENBERG, Charles Ernest & GOLDEN, Janet. **Framing Disease – Studies in Cultural History, New Brunswick, Rutgers** Universty Press, 1997.

SANGLARD, Gisele; FERREIRA, Luiz Otávio, *et. al.* **Filantropos da nação: sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. *O Carnaval, a peste e a espanhola*. In: **História, Ciências e Saúde**. Manguinhos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006, pp. 129-158.

SILVA, Alexandre Caetano da. **Recife, uma cidade doente: a gripe espanhola no espaço urbano recifense (1918)**. Dissertação. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2017.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **A influenza espanhola e a cidade planejada – Belo Horizonte, 1918**. Belo Horizonte: Argumentum/ FAPEMIG/CAPES. 2008.

SOUSA, Horácio. **Cyclo Aureo – História do Primeiro Centenário de Campos 1835- 1935**. 2. ed. Itaperuna: Damadá Artes Gráficas e Editora Ltda, 1985.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A gripe espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

SPINNEY, Laura. **Pale Rider: The Spanish Flu of 1918 and How It Changed the World**. Nova York: Public Affairs, 2017.

TEIXEIRA, Luiz Antônio da Silva. **Ciência e Saúde na terra dos bandeirantes: a trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo no período 1903 – 1916**. Editora FIOCRUZ. 1995.

\_\_\_\_\_. *Medo e Morte: Sobre a Epidemia de Gripe Espanhola de 1918*. In: **Série Estudos de Saúde Coletiva** n. 59, UERJ/IMS, Rio de Janeiro, 1993.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VAN HARTESVELDT, Fred (Editor). **The 1918-1919 pandemic of influenza: the urban impact in the western world.** Nova York: The Edwin Mellen Press, 1993.